

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Bacharelado em Jornalismo

MARCUS ERNESTO SOARES BARBOSA

**JORNALISMO, SENSACIONALISMO E HOMOFOBIA: UMA ANÁLISE DAS
CAPAS DO JORNAL “*NOTÍCIAS POPULARES*” DO ANO DE 1983**

SÃO PAULO
2023

MARCUS ERNESTO SOARES BARBOSA

**JORNALISMO, SENSACIONALISMO E HOMOFOBIA: UMA ANÁLISE DAS
CAPAS DO JORNAL “*NOTÍCIAS POPULARES*” DO ANO DE 1983**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel em
Jornalismo ao Centro Universitário
Internacional UNINTER.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Marcia Boroski.

SÃO PAULO

2023



Curso de Bacharelado em Jornalismo

Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos seis dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e três realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do estudante Marcus Ernesto Soares Barbosa, portador do Registro Uninter 3656935 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade de monografia, sob o título JORNALISMO, SENSACIONALISMO E HOMOFOBIA: UMA ANÁLISE DAS CAPAS DO JORNAL “NOTÍCIAS POPULARES” DO ANO DE 1983 e orientação da professora Marcia Boroski, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinadora 1: Fernanda Cavassana de Carvalho

Examinador 2: Alexsandro Ribeiro

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 10

Sendo assim, considerou-se o estudante aprovado.

Assinam os seguintes participantes:

Orientadora:

Marcia Boroski

Examinadora 1:

[Assinatura]

Examinador 2:

[Assinatura]

Estudante:

Marcus Ernesto Soares Barbosa

AGRADECIMENTO

Agradeço e dedico este trabalho à minha mãe, Laudicena, que sempre acreditou que existia um jornalista em mim e me incentivou a cursar uma segunda graduação, quando muitos julgavam desnecessário. Ao meu irmão, Marconi, por todo afeto, incentivo, escuta e trocas durante os três anos de curso. Ao meu amor, Denis, pela companhia diária, pela paciência e pela minha ausência em momentos que me exigiram maior entrega, te amo.

Agradeço também aos meus amigos e, agora, colegas de profissão. Àqueles que me inspiram no dia a dia com suas histórias e que me motivaram a conquistar esse diploma.

Por fim, dedico essa monografia às vítimas do HIV, que enfrentaram, para além do vírus, o preconceito, o medo e o estigma.

Que este estudo seja uma contribuição para entendermos o real poder do jornalismo e seu impacto direto na vida das pessoas, a fim de evitarmos injustiças. Nas palavras de Sontag, “não se deve transferir a responsabilidade da doença aos doentes. Doença é fato, não destino”.

RESUMO

O objetivo desta monografia é descobrir quais as características das manchetes do jornal Notícias Populares reforçaram a discriminação da população LGBTQIAP+ ao abordar a chegada da epidemia de HIV/Aids no Brasil. O recorte temporal realizado foi de 7 de maio a 15 de dezembro de 1983, totalizando 21 edições do periódico. O corpus de análise é formado por capas com manchetes que abordaram os primeiros casos de infecções pelo vírus. A fundamentação teórica apresenta discussões sobre a origem do jornalismo popular (ANGRIMANI, 1995), homofobia (JESUS, 2015) e sensacionalismo (AMARAL, 2006), temas que contextualizam o objetivo e ajudam a responder nossa pergunta de pesquisa, que é: quais características das manchetes do jornal Notícias Populares sobre a epidemia de HIV/Aids no Brasil reforçaram a discriminação da população LGBTQIAP+? Por meio da metodologia Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977; ROQUE MORAES, 1999) verificou-se que, nos títulos, existe a presença dos sete elementos do sensacionalismo (AMARAL, 2006). Com efeito, tivemos como achados a presença de palavras pejorativas e preconceituosas e o conteúdo reforçou o estigma acerca da população LGBTQIAP+ e a correlação com o vírus.

PALAVRAS-CHAVE: Homofobia; HIV/Aids; Sensacionalismo; Jornalismo Popular; Notícias Populares.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	06
2 METODOLOGIA.....	09
3 JORNALISMO POPULAR.....	14
3.1 JORNALISMO POPULAR NO BRASIL.....	15
3.2 SENSACIONALISMO NO JORNALISMO.....	19
3.3 O NOTÍCIAS POPULARES.....	20
4 A DÉCADA DE 1980 E O HIV.....	22
4.1 A CHEGADA DO HIV/AIDS E O NOTÍCIAS POPULARES.....	22
4.2 O HIV NO FIM DOS ANOS 1980.....	27
5 HOMOFOBIA.....	29
6 ANÁLISE DOS DADOS.....	31
6.1 SENSACIONALISMO.....	31
6.2 HOMOFOBIA.....	36
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42
APÊNDICE.....	46

1 INTRODUÇÃO

A epidemia de HIV/Aids teve seus primeiros relatos em veículos de comunicação no começo dos anos 80, que se baseavam, segundo Jane Galvão (2000), nas hipóteses e nas primeiras informações, ainda sem comprovação científica definitiva, vindas dos Estados Unidos. Na época, o Brasil passava por grandes transformações, políticas e sociais, tendo o jornal Notícias Populares um importante papel na divulgação do vírus e, posteriormente, da doença.

Se por um lado a sociedade brasileira estava a caminho da abertura democrática e buscava distanciamento dos militares; por outro, ainda mantinha preconceitos contra aqueles que não seguiam a norma estabelecida, entre eles, os homossexuais, que já se organizavam enquanto comunidade.

[...] os novos movimentos sociais que surgiram, especialmente os movimentos feminista e negro, serviram como exemplos para o incipiente movimento LGBT, que se organizou nos anos 1970 e 1980 justamente como parte da onda mais ampla de redemocratização do país após duas décadas de ditadura. (GREEN e QUINALHA, 2014, p. 11)

Nesta época, o jornal Notícias Populares tinha grande penetração na sociedade, “em 1986, sua tiragem média alcançou 113 mil exemplares diários”, segundo a Folha de S. Paulo (2001), detentora da marca. Muito desse sucesso acontecia por conta de suas manchetes sensacionalistas, que captavam a atenção dos leitores mesmo que a matéria sobre o tema não tivesse mais do que um parágrafo, característica repetitiva, encontrada no periódico e em seus concorrentes; na abordagem do HIV não foi diferente, criando um estereótipo para os homossexuais do sexo masculino.

Com a chegada do vírus no Brasil e o consequente aumento de pacientes nos hospitais, os veículos cumpriram o seu papel de informar, mas, de acordo com Hansen (2004, p. 32), os jornais de uma forma geral não sabiam como cobrir o fato e que “no início as notícias pareciam ser exageradas na mídia, e talvez até o fossem, porque não se sabia nada ao certo sobre o que estava ocorrendo de tão dramático no mundo e o que viria em seguida”.

Seguindo essa tendência mundial de retratar a doença de forma estereotipada e na contramão da busca por conscientização, prevenção, tratamentos e maior conhecimento sobre o HIV/Aids, o jornal Notícias Populares optou por estigmatizar um grupo com manchetes que utilizavam termos como “peste-gay”, reproduzindo a ideia

de que o vírus fosse um castigo divino. Para Suzan Sontag (2007), ao excluir a porção heterossexual das notícias, o mercado editorial reafirmou uma inexistente diferença entre esses dois grupos sociais, principalmente quanto à moral.

[...] fazer com que a Aids seja um problema de todos e, portanto, um assunto a respeito do qual todos devem informar-se, tem o efeito de subverter nossa compreensão da diferença entre “nós” e “eles” – mais ainda, de absolver “eles”, ou ao menos de tornar irrelevantes os juízos morais a respeito deles. (SONTAG, 2007, p. 41)

Tal discurso, segundo a autora supracitada, reverbera ainda atualmente, estabelecendo uma relação direta entre a homossexualidade, o surgimento e a propagação da epidemia. Essa associação se mostrou nociva até para a população heterossexual, que, ao ser excluída, passou a se sentir segura e distante da contaminação, provando-se como desserviço de informação à sociedade, mas, em contrapartida popularizou ainda mais o NP.

Em situações como essa, em que a venda de exemplares é mais importante do que a correta abordagem do fato, o presente trabalho faz uma análise das capas que abordaram o tema HIV/Aids publicadas pelo jornal em 1983, a fim de responder à pergunta: quais características das manchetes do jornal Notícias Populares relativa à epidemia de HIV/Aids no Brasil reforçaram a discriminação da população LGBTQIAP+?¹

O recorte escolhido vai de 7 de maio a 15 de dezembro de 1983 se justifica por ser o ano do aparecimento dos primeiros casos de infectados pelo vírus no Brasil, e, conseqüentemente, seria possível entender qual a abordagem escolhida pelo veículo para noticiar o fato.

A primeira hipótese levantada é a de que o jornal culpabilizou a população gay pela chegada da epidemia no Brasil. Também se tinha como pressuposto que os títulos eram carregados de expressões preconceituosas. Por fim, acredita-se que a técnica sensacionalista foi usada para propagar a homofobia.

Os objetivos deste trabalho se dividiram e podem ser classificados como geral, entender de que forma o jornal Notícias Populares abordou em suas manchetes a

1 A sigla LGBTQIAP+ refere-se às diversas orientações sexuais: lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, queers, intersexos, assexuados, pansexuais e outros, representados pelo símbolo +.

chegada da epidemia de HIV/Aids no Brasil; e em específicos, identificar as retrancas de maior apelo no projeto gráfico das capas do jornal Notícias Populares, analisar quais elementos textuais contribuíram para um discurso homofóbico e nocivo à população gay, verificar a presença de características sensacionalistas nas manchetes sobre o HIV/Aids.

Esta pesquisa se justifica porque é preciso permanentemente rever, com o aparato da análise de conteúdo, o papel do jornalismo na construção de estereótipos preconceituosos, principalmente os discursos midiáticos que são aceitos como verdades incontestáveis, já que são produzidos por veículos renomados e com profissionais formados para tal.

Ancorado por autores como Angrimani (1995) e König (2018), o primeiro capítulo deste trabalho recorre à história do jornalismo popular no mundo até o lançamento do Notícias Populares no mercado brasileiro, perpassando pelas definições de sensacionalismo a partir das teorias de Amaral (2006), Marcondes Filho (1985) e Pedroso (1985).

O capítulo 2 analisa a década de 1980 sob o ponto de vista social e político para que se entenda em que contexto o Brasil estava quando a epidemia de HIV/Aids chegou ao país e de que forma o jornal Notícias Populares escolheu abordar a questão.

O terceiro capítulo, embasado por Jesus (2015), define o termo homofobia ao apontar suas principais características.

Por fim, após analisar os dados, pôde-se responder à principal pergunta deste trabalho correlacionando homofobia e sensacionalismo no jornal Notícias Populares.

2 METODOLOGIA

Para analisar a abordagem do jornal Notícias Populares, o primeiro passo foi buscar embasamento teórico e metodológico que melhor se aplicasse neste trabalho.

Optou-se, então, pela Análise de Conteúdo, a partir das teorias de Laurence Bardin (1977) e Roque Moraes (1999), direcionadas para o jornalismo e sua propagação midiática.

Bardin (1977) diz que a Análise de Conteúdo “pode ser uma análise dos significados (exemplo: a análise temática), embora possa ser também uma análise dos significantes (análise léxica, análise dos procedimentos)” (BARDIN, 1977, p.34).

Como tal método pode ser aplicado em todas as formas de comunicação, indo desde a mensagem linguística até a análise de ícones (imagens e ilustrações), se mostrou como o método ideal para este trabalho.

Porém, este mesmo conteúdo precisa ser compreendido a partir da interrelação entre língua, história e sujeito, ou, nas palavras da autora, “a análise de conteúdo tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado” (Bardin, 1977, p. 43).

Sendo assim, fez-se necessário um embasamento histórico sobre o jornalismo popular no Brasil, além de um estudo sobre a realidade social e política da década de 1980, bem como um levantamento sobre o HIV/Aids durante esse período.

Gil (1996) define todo esse aprofundamento no tema como pesquisa bibliográfica, que busca, em materiais previamente elaborados por terceiros, informações pertinentes que ajudem na elaboração de um novo conhecimento.

De acordo com Roque Moraes (1999), a Análise de Conteúdo é um procedimento que dever ser realizado em cinco etapas: a primeira, Preparação das informações (momento em que se identifica os materiais teóricos a serem analisados). Neste caso, o recorte desta monografia compreende o ano de 1983. As capas analisadas foram coletadas nos arquivos do jornal Folha de São Paulo, hoje, detentora da marca Notícias Populares.

Das 365 capas, o universo total analisado, verificou-se que o tema HIV/Aids noticiado por meio de expressões como vírus, peste ou, o termo mais conhecido, peste-gay se fez presentes entre 7 de maio de a 15 de dezembro de 1983, reduzindo o número total para 223 edições.

Após uma análise minuciosa, foram encontradas apenas 34 edições que usaram, com diferentes pesos, ainda que na capa, as palavras acima citadas.

Com a segunda etapa, Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades, buscou-se identificar, nesses 34 materiais, o *corpus* da análise. No caso deste trabalho, serão: as manchetes de capa e seus chapéus/gravatas, por serem complementares aos formatos analisados, e retrancas na parte superior das edições, elemento muito usados pelo NP. Quando houver a inserção de imagens, presente em apenas uma capa, elas também serão analisadas com seu devido contexto. A justificativa se dá por serem dois formatos fixos de maior peso e destaque dentro do projeto gráfico do jornal, como mostrado na Figura 1.

Figura 1 – Indicação de elementos de capa analisados nesta monografia



Crédito: FolhaPress

Verificou-se que o tema (HIV/Aids) figurava na primeira página do jornal sempre que número de infectados avançava. O mesmo acontecia quando aumentava o

2 Homossexuais se matam com medo da Peste-gay. Notícias Populares, São Paulo, 08/07/1983.

3 Até funerárias com medo da Peste-gay. Notícias Populares, São Paulo, 20/06/1983.

número de mortes, se obtinha novas informações sobre o vírus, como avanços e descobertas da medicina, ou quando uma figura pública falecia em decorrência da debilidade causada pela Aids.

As manchetes de capa, os chapéus e as retrancas que abordaram o fato, sempre em caixa alta, se fizeram presentes 21 edições, que podem ser identificadas no Apêndice A. O assunto raras vezes aparecia ilustrado com alguma imagem ou legenda que explicasse o título, já que, pela própria característica do sensacionalismo, o veículo utilizava frases de duplo sentido para chamar atenção do leitor e convidá-lo a ter mais informações nas páginas internas, após comprar o jornal.

Dessa forma, dos 21 objetos analisados, identificou-se 16 capas utilizando o formato retranca e 5 que colocaram o assunto na principal manchete da capa. Dessas, 3 continham chapéu, uma com gravata e uma única manchete sem linha fina.

Essa unitarização de assuntos só é possível quando se tem objetivos de pesquisa bem definidos. Como pode ser visto no Quadro 1.

Quadro 1 – Objetivos de pesquisa

Questão da Pesquisa	Hipóteses	Objetivo Geral	Objetivos Específicos
Quais características das manchetes do jornal Notícias Populares sobre a epidemia de HIV/Aids no Brasil reforçaram a discriminação da população LGBTQIAP+?	(i) O jornal culpabilizou a população gay pela chegada da epidemia no Brasil	Entender de que forma o jornal Notícias Populares abordou em suas manchetes a chegada da epidemia de HIV/Aids no Brasil	Identificar, a partir do projeto gráfico das capas do NP, quais as retrancas de maior apelo
	(ii) Os títulos eram carregados de expressões preconceituosas		Analisar quais elementos textuais contribuíram para um discurso homofóbico e nocivo à população gay
	(iii) A técnica sensacionalista foi usada para propagar a homofobia		Verificar a presença de características sensacionalistas nas manchetes sobre o HIV/Aids

Fonte: o autor (2023)

A terceira etapa é chamada de Categorização ou classificação das unidades em categorias. Neste caso, a separação aconteceu de acordo com os critérios de

Amaral (2006) sobre a notícia sensacionalista, Quadro 2, e às definições de homofobia elencadas por Jesus (2015).

Quadro 2 – Categorização dos materiais como sensacionalistas

Critério de categorização	Características da notícia sensacionalista (AMARAL, 2006)
Sensacionalismo	Exagero
	Intensificação
	Valorização da emoção
	Exploração do extraordinário
	Valorização de conteúdos descontextualizados
	Troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco
	Inversão do conteúdo pela forma

Fonte: o autor (2023)

Amaral (2006) não define essas características com precisão. Sendo assim, para compreender cada um dos termos elencados, fez-se necessário o auxílio do dicionário on-line Dicio (2023), como apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 – Categorização dos materiais como sensacionalistas

Características da notícia sensacionalista (AMARAL, 2006)	Dicionário Dicio (2023)
Exagero	Demasiado; que ultrapassa o necessário; Ampliação; ação ou efeito de exagerar, de ampliar, de encarecer.
Intensificação	Ação ou efeito de intensificar, de tornar maior; aumento, acréscimo, incrementação
Valorização da emoção	Aumentar o préstimo de; enriquecer
Exploração do extraordinário	Característica do que é raro, singular ou esquisito
Valorização de conteúdos descontextualizados	Não levar em conta as circunstâncias que estão ao seu redor; tirar do contexto
Troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco	O que é dispensável, que apresenta caráter desnecessário; dispensável
Inversão do conteúdo pela forma	Ato ou resultado de mudar ou mudar-se; alterar a ordem, o estado das coisas

Fonte: o autor (2023)

Jesus (2015) elenca em seu trabalho comportamentos nocivos à população LGBTQIAP+, que podem ser vistos no Quadro 5. Não necessariamente essas atitudes estão relacionadas à imprensa e à forma como a homofobia é observada no meio, mas sua análise pode facilmente ser aplicada a ela.

Quadro 5 – Categorização dos materiais como homofóbicos

Critério de categorização	Características da Homofobia (JESUS, 2015)
Homofobia	Preconceito contra homossexuais
	Violação física, psicológica ou simbólica dos direitos das pessoas LGBTQs
	Desvalorização da diversidade sexual
	Violência não reconhecida pelos algozes
	Desqualificação das diferenças
	Inação das autoridades

Fonte: o autor (2023)

A partir dessas teorias, começa-se a Descrição, quarta fase do processo, momento de divulgação das informações e dados colhidos, presente no capítulo “Análise dos dados” a partir da página 31 deste trabalho.

Ao final, faz-se necessária a Interpretação, quinta e última etapa, em que se analisa criticamente o resultado do que foi levantado anteriormente. Essa conclusão pode ser lida durante a descrição da análise e também no capítulo “Considerações finais”, a partir da página 40.

3 JORNALISMO POPULAR

Uma vez que o objetivo deste trabalho é entender de que forma o jornal Notícias Populares abordou a chegada da epidemia de HIV/Aids no Brasil, em 1983, faz-se necessário um aprofundamento histórico do jornalismo popular e nos conceitos que o definem.

Amaral (2006) caracteriza jornais populares como aqueles cujas edições possuem poucas páginas, a inserção de material publicitário tem como público-alvo as classes B, C e D e a vendagem é feita diretamente nas bancas a preço acessível para a população de menor poder aquisitivo.

Esse tipo de segmento teve sua origem desde a consolidação do jornalismo e da mídia impressa em países como a França e os Estados Unidos.

Ao se analisar a origem da imprensa em dois países diferentes: França e Estados Unidos, verifica-se que o sensacionalismo está ali, na origem do processo. Na França, por exemplo, entre 1560 e 1631, aparecem os primeiros jornais franceses – “Nouvelles Ordinaires” e “Gazette de France” (ANGRIMANI, 1995, p. 19)

O termo *fait divers* foi teorizado por Roland Barthes no livro *Essais Critiques* de 1964, que, em livre tradução, significa fatos diversos, e que engloba a cobertura de escândalos, bizarrices e curiosidades. Nos Estados Unidos a popularização da mídia impressa se deu graças às *Penny Press* (jornais populares comercializados a preços muito baixos). O sucesso foi tanto que a época ficou conhecida como a “Era de Ouro dos jornais entre 1820 e 1920. Esse fenômeno teve início nos anos 1830” (KÖNIG, 2019, p. 19).

As redações brasileiras, no entanto, demoraram para lançar ao mercado um jornal que pudesse ser identificado claramente como parte da imprensa popular. Ao invés disso, algumas empresas alteraram suas editorias e adotaram características do segmento popular nos jornais já comercializados e conhecidos do grande público, com a intenção de ganhar mais leitores e, conseqüentemente, aumentar suas vendas.

O tradicional “Jornal do Brasil”, que na época passava por dificuldades financeiras, viu no jornalismo popular uma oportunidade de se reerguer. Comandado pelos irmãos Fernando e Cândido Mendes de Almeida, o novo JB passou a divulgar os problemas e queixas das classes menos favorecidas.

[...] a popularização do jornalismo brasileiro – com tiragens que chegavam a 60 mil exemplares, como é o caso do Jornal do Brasil, nos primeiros anos do século XX -, só foi possível pela inclusão de uma série de transformações, entre as quais se destacam, no que diz respeito às mudanças de conteúdo, a inclusão de textos que atingiam um público mais vasto e se dirigiam diretamente a esse leitor imaginado e real. Em 1894, por exemplo, o mais popular jornal do Rio de Janeiro, o Jornal do Brasil, se orgulhava de publicar os palpites do jogo do bicho, as marchas dos cordões e blocos carnavalescos e, é claro, os crimes de sensação, que, segundo os cronistas da época, atingiam o gosto de um público mais vasto. (BARBOSA, 2018, p. 4)

Cordeiro Lobo (1896) em seu livro *Como se faz o Jornal do Brasil*, define que ser popular “[...] É ser o jornal dos caixeiros, dos balconistas, dos empregados do comércio, dos militares de baixa patente, dos trabalhadores em geral” (LOBO, 1896 apud BARBOSA, 2018, p. 4). Logo, quando a informação comercializada em forma de periódico atinge mais pessoas, sobretudo aquelas com menor poder aquisitivo, podemos caracterizá-lo dessa maneira.

Mas foi no começo dos anos 1900 que o mercado de jornais populares começou a se profissionalizar ainda mais com maior número de leitores e concorrentes dispostos a disputar esse mercado.

3.1 JORNALISMO POPULAR NO BRASIL

No começo do século XX, o Jornal do Brasil se consolidou como um produto extremamente popular, após a inclusão de conteúdos mais informativos se comparados aos opinativos. O sucesso se devia às notícias que seguiam “Explorando casos de polícia, campanhas populares e humor crítico moderado com foco no governo e nos costumes, com algum sensacionalismo, o diário chegou a ser apelidado de “O Popularíssimo” pelos demais órgãos da imprensa carioca” (BRASIL, 2015).

Esse reconhecimento também se apresentava em números. Em dois anos (1900 – 1902), as tiragens subiram de 50 mil exemplares diários para 62 mil e, nesta época, já era possível encontrar o periódico em outros estados da federação, para além do Rio de Janeiro, como explica Brasil (2015).

Isso contribuiu com a expansão física e mercadológica do JB, que adquiriu uma nova sede, lançou uma versão vespertina do jornal e passou a lançar outras publicações sazonais como a *Revista da Semana*, o *Guia Mensal do Jornal do Brasil* e o *Anuário Ilustrado do Jornal do Brasil* (BRASIL, 2015).

A partir daí, começa-se um movimento em que outros veículos passam a dar maior destaque às notícias populares como crimes bárbaros, acidentes e tragédias, as chamadas notas sensacionais, ao invés do cenário político tão comum naquele período, segundo Barbosa (2018).

O Paiz, por exemplo, narrava de maneira sequencial, em várias edições, as atualizações de um crime como se fosse um folhetim e, durante o texto, fazia menções a outros fatos da coluna policial de natureza parecida que já haviam sido notícia anteriormente “construindo um vínculo explícito com outros acontecimentos que, assim, passam a deter a mesma temporalidade narrativa” (BARBOSA, 2018, p. 5).

O próprio jornal O Paiz fez uma autocrítica a esse período de transição na preferência dos leitores.

O jornal era o único refúgio dos homens de letras, que em parte alguma podem encontrar no Brasil compensação para o seu esforço. O jornal, porém, começa a eliminar o homem de letras. Hoje, as gazetas tentam êxito, não com artigos e crônicas bem feitos, e em que haja idéas, mas a penas com a reportagem sensacional. Qualquer notícia de um crime, e quanto mais repugnante melhor, prefere o artigo literário, apenas tolerando num ou noutro dia. (O PAIZ, 26 de junho de 1914, p. 1)

Como consequência, aos poucos, os jornais passaram a dar à essas notícias contornos ainda mais exagerados e escandalosos, por meio de manchetes de maior apelo e destaque, bem como fotografias e ilustrações feitas para causar uma reação imediata no público.

O jornal carioca A Notícia (1894 – 1916) é um bom exemplo dessa mudança visual pelo qual os periódicos passaram, principalmente quando comparadas duas edições com 10 anos de diferença.

À esquerda, na Figura 2, vê-se a edição de 15 de agosto de 1905, com a mancha visual formada apenas por texto; à direita, temos a publicação de 10 anos depois, 15 de agosto de 1915, já com a inserção de imagens, diferentes pesos entre títulos, subtítulos e notícias, e conteúdo mais apelativo. Em uma das manchetes, é possível ler: “O dia de hoje foi dos suicidas!” (A Notícia, 15 ago. 1915, p. 1).

Figura 2 – Comparativos do jornal A Notícia de 1905 e 1915⁴



Fonte: Biblioteca Nacional

De acordo Barbosa (2018), as notas sensacionais foram atraindo mais leitores entre os anos de 1910 e 1920, como o carioca Correio da Manhã. De olho nesse mesmo público, o jornalista Mário Rodrigues, ao deixar o Correio da Manhã após romper com o empresário Edmundo Bittencourt, cria o A Manhã, em 1925.

Segundo Matías M. Molina, em “Campeão da virulência”, A Manhã “tinha ultrapassado o Correio da Manhã, até então o mais combativo dos jornais, como modelo de destempero, agressividade e falta de autocontrole”. Esse engajamento feroz se fazia sentir não só na “virulência (da) escrita” como também nas imagens – charges, caricaturas e ilustrações em geral que povoavam o jornal (MOLINA, 2011 apud BRASIL, 2014).

Mas foi no jornal Crítica (1928) que Mario Rodrigues explorou ainda mais os elementos sensacionalistas, tendo dedicado 6 das 8 páginas a assuntos de grande comoção popular com notícias de política na primeira página e de polícia na última (BARBOSA, 2019). Segundo Molina (2011), “O preço, de apenas 100 réis, era um dos chamarizes do jornal. O tom panfletário e demagógico ficou evidente no slogan no alto da capa: “Declaramos a guerra aos ladrões do povo””.

4 A Praça. A Notícia, São Paulo, 15/09/1905
O Dia de Hoje Foi dos Suicidas. A Notícia, São Paulo, 15/09/1915

A estratégia deu certo, poucos meses após seu lançamento, o matutino tinha uma das maiores vendagens do Rio de Janeiro, chegando 130 mil exemplares diários (MOLINA, 2011). O periódico durou menos de dois anos, mas deixou na mente público, e dos empresários da imprensa, uma espécie de formato visual e textual a ser seguido, que viriam inspirar outros editoriais brasileiros.

Tanto o projeto gráfico do A Manhã quanto do Crítica foram feitos pelo cartunista paraguaio Andrés Guevara “responsável por boa parte da revolução gráfica havida na imprensa brasileira [...] além de ter dado uma feição especial e moderna à caricatura nacional.” (MOLINA, 2011). Foi também de Guevara a criação dos *layouts* dos jornais A Manhã, de 1926, de Apparício Torelly, e Última Hora, de 1951, de Samuel Wainer. A Figura 3 traz um comparativo evolutivo dessas capas.

Figura 3 – A evolução dos projetos gráficos elaborados pelo artista Andrés Guevara. Cada vez mais chamativos e populares⁵



Fonte: Biblioteca Nacional

De acordo com Barbosa (2018), seguindo essa tendência, outros empresários começaram a apostar no mesmo nicho, de sensações, como o Diário da Noite, fundado por Assis Chateaubriand em 1929, o jornal Luta Democrática, de 1954, de Tenório Cavalcanti, e o Notícias Populares, que chegou às bancas em 1963.

5 Mais uma contribuição para a história do fascismo. A Manhã, São Paulo, 23/11/1926
 Acusa-se Antonio Martinez de mais um crime horripilante Crítica, Rio de Janeiro, 08/01/1930
 Algemado e Sujo. Última Hora, São Paulo, 20/06/1951

3.2 SENSACIONALISMO NO JORNALISMO

A definição do termo sensacionalista e sua aplicação no jornalismo tem pouca variação entre os autores aqui estudados. O que muda é a quantidade de informações em que cada um se debruça ao analisar o tema. Há, então, uma complementação entre todos eles.

Para Angrimani (1995) é “tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento.”. O autor ainda pontua que o tom escolhido na escrita é sempre espalhafatoso e escandaloso e, por conta disso, os veículos que o adotam passam a ser vistos como produtos de menor qualidade e de gosto discutível. Além disso, não raras vezes, o termo sensacionalista é colocado como sinônimo de imprecisão e falta de checagem (ANGRIMANI, 1995, p.16).

Amaral (2006) também fala sobre a inversão que existe entre o essencial e o supérfluo, e que há valorização superlativa da emoção, do extraordinário e de conteúdos descontextualizados.

Pedroso (1983), em sua definição, ressalta o público a quem esse tipo de produto é direcionado e acrescenta os padrões imagéticos e textuais utilizados pelos veículos.

“[...]exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional; adequação discursiva ao status semiótico das classes subalternas; destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos; subtração de elementos importantes e acréscimo ou invenção de palavras ou fatos [...]” (PEDROSO, 1983, p. 122).

Por fim, para Marcondes Filhos (1985), a falta de profundidade ao abordar as notícias também pode definir o gênero: “o sensacionalismo é apenas o grau mais radical da mercantilização da informação: tudo o que se vende é aparência e, na verdade vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que na manchete” (MARCONDES FILHO, 1985, p. 66).

Segundo Longhi (2005), os jornais classificados como sensacionalistas possuem características claras em seu projeto gráfico, sempre marcados pelo exagero na mancha textual e quantidade de informações, que vão desde a tipografia até os elementos gráficos, como ilustrações e fotos em escala desproporcional, além de cores chamativas e linguagem própria.

A sua linguagem aproxima-se da linguagem oral e coloquial. Aquela que é falada por todos, nas ruas, ônibus, entre familiares e amigos. Há o uso abusivo de gírias e chavões, além, em alguns casos, do uso de palavras de baixo calão e frases de duplo sentido (LONGHI, 2005, p. 6).

Pedroso (1985) completa esse raciocínio dando ênfase nas manchetes, objeto deste estudo. Para a autora, é a partir desse elemento que a comunicação e relação entre leitor e veículo se estabelece cujo objetivo final não é informar, mas, sim, vender.

A cada edição, a manchete, por apresentar-se atrativa e apelativa, é primária, superficial e volátil, porque, após a sua leitura, ela perde os vínculos com os motivos que conduziram o leitor a lê-la, e, a durabilidade, para o leitor, como documento do acontecimento, porque dificilmente ele (o leitor) se reportará a ela (a manchete) como elemento indicador para algum assunto. Essa manipulação dos leitores das classes populares pelo sensacionalismo, apresentando o elementar de uma forma espetacular e descartável, detém-se na sensação que o fato pode provocar em detrimento da informação que o fato pode oferecer (emoções que o projeto editorial pretende provocar no leitor: a compra do jornal) (PEDROSO, 1983, p. 48).

Não fugindo de todas essas características, o jornal Notícias Populares se tornou tão popular quanto seus concorrentes chegando a 113 mil exemplares diários, de acordo com a Folha de São Paulo (2001).

3.3 O NOTÍCIAS POPULARES

A escolha do jornal Notícias Populares para este estudo baseou-se em sua relevância na categoria jornalismo popular, sendo até os dias de hoje um dos veículos mais conhecidos no meio graças às suas manchetes de grande apelo junto ao público.

O “NP”, sigla pela qual o jornal ficou conhecido, iniciou sua circulação em 15 de outubro de 1963. Criado pelo romeno Jean Mellé, a ideia era contra-atacar o Última Hora, se posicionando como um concorrente com uma visão mais conservadora e, assim, evitar a propagação da mensagem populista nas classes trabalhadoras, com uma tiragem média de 25 mil exemplares (CAMPOS JR., 2011).

Em novembro de 1963, o jornal explodiu em vendas ao trazer a manchete “Kennedy Assassinado”. O assunto e seus desdobramentos renderam várias capas, já formando o que viria a ser a principal característica do periódico: trazer para a primeira página temas polêmicos, sexo e violência privilegiando as imagens e textos curtos, permeados por muitas gírias e adjetivos (CAMPOS JR., 2011).

Entre outras capas famosas, destacam-se: “Nasceu o diabo em São Paulo”, de 11 de maio de 1975; e “Mulher dá à luz uma tartaruga”, de 28 de agosto de 1978.

Piacsek (2014) destaca a desproporcionalidade entre a manchete de capa e a matéria nas páginas internas do jornal, que caracteriza uma artimanha para atrair a atenção de seu leitor pelo impacto da chamada e muito pouco a se dizer, como percebido na Figura 4. O recurso se tornou uma das grandes marcas do periódico até seu fechamento.

Figura 4 – Manchetes famosas do NP⁶



Fonte: FolhaPress

Em 19 de janeiro de 2001, o grupo Folha anunciou que o dia seguinte àquela publicação, seria sua última edição. A concorrência de programas policiais semelhantes nas emissoras de televisão acabou por diminuir o interesse do leitor no jornal impresso, que fechou suas portas com tiragem diária de 20 mil exemplares (Folha de São Paulo, 2001).

6 Kennedy Assassinado. Notícias Populares. São Paulo, 23/11/1963.

Nasceu o Bebê Diabo. Notícias Populares. São Paulo, 11/05/1975.

Mulher dá à luz uma tartaruga. Notícias Populares. São Paulo, 28/08/1978.

4 A DÉCADA DE 1980 E O HIV

A década de 1980 no Brasil trouxe enormes mudanças na sociedade brasileira, entre elas, o fim do período de Governo Militar, com a transição para a democracia e o surgimento do HIV/Aids⁷, em 1983, que pôde mostrar um país não preparado para enfrentar as questões de saúde pública, já que, considerada uma doença moderna, não foi priorizada, como as doenças de maior tempo no cenário da saúde, sendo a epidemia relegada a segundo plano (DANIEL; PARKER, 2018).

Durante esse período aconteceram vários acertos institucionais relacionados à saúde pública, fortalecidos pelo processo de redemocratização do país e a reorganização dos movimentos sociais e culturais, além da Comissão Interministerial de Planejamento que tinha como objetivo a articulação e planejamento das ações implementadas pelos Ministérios da Saúde e Previdência Social. Posteriormente, foram instituídas as Ações Integradas de Saúde (AIS)⁸ (GRANGEIRO; SILVA; TEIXEIRA, 2009).

A sociedade brasileira, apresentava-se como machista e excludente e simultaneamente tinha um desafio frente ao desconhecido e ameaçador HIV, que trouxe muitos questionamentos e insegurança, incluindo a comunidade científica, já que esta seria a responsável pelas respostas a serem obtidas no caso da saúde pública. O aumento da epidemia da Aids foi marco importante no aumento da negação e razões para imprimir discriminação (SPINK *et al*, 2001).

4.1 A CHEGADA DO HIV/AIDS⁹ E O NOTÍCIAS POPULARES

Em 20 de julho de 1982, o NP falou pela primeira vez sobre a epidemia de HIV/Aids, até então restrita aos Estados Unidos, mas que já preocupava pelo alto

7 Neste trabalho serão utilizadas as duas siglas juntas para se referir à chegada da epidemia.

8 Promovendo a ampliação da cobertura de ações de saúde, integração das atividades de assistência preventiva e curativa e criação das instâncias colegiadas de gestão do sistema de saúde nas três esferas governamentais com futura participação de movimentos sociais, processo que deu início à institucionalização de um comando único do sistema, da organização e da atenção à saúde, baseados na integralidade, transparência e controle social das políticas relacionadas (GRANGEIRO; SILVA; TEIXEIRA, 2009).

8 O termo AIDS (Acquired Immunodeficiency Syndrome) em denominação à síndrome que deixa o sistema imunológico suscetível às diversas infecções foi utilizado no jornalismo brasileiro pelo programa Fantástico (Rede Globo de Televisão) em 27 de março de 1983, na matéria “Síndrome da Deficiência Imunológica – Epidemia do século” do repórter Hélio Costa. Em 21 de abril, pelo Jornal do Brasil e, pela Folha de S. Paulo, em 3 de junho (BARATA, 2006). O jornal Notícias Populares optou pela sigla em português SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), pela primeira vez em 7 de maio do mesmo ano (PIACSEK, 2018).

número de óbitos (PIACSEK, 2018). Com o título: “Mistério: Doença Mata Homossexuais”, o jornal informava que, das 200 mortes ainda sem causa conhecida no país, noventa por cento era de homossexuais.

No Brasil, primeiros registros de contaminação por HIV aconteceram em 1983. A epidemia foi subestimada pelas autoridades sanitárias, que acreditavam que, em razão dos avanços tecnológicos da época, poderiam controlar os surtos. As políticas públicas para enfrentar o momento mostraram fortes contradições sociais, econômicas e culturais que resultaram na exposição da forte fragilidade do sistema público de saúde que não conseguia atender a demanda apresentada, fazendo emergir os preconceitos contra determinados grupos, em especial os homossexuais (GRANGEIRO; SILVA; TEIXEIRA, 2009).

A partir de 7 de maio de 1983, com o avanço do número de casos, o Notícias Populares começou a dar mais destaque à epidemia. O título: “Descoberto vírus que mata gays” foi colocado na retranca (parte superior) com relativo destaque. Naquele dia, a grande notícia da edição foi o caso Lengruber e Wilton Franco (Figura 5).

Abordar esses dois assuntos tão populares em edições seguidas surtiu efeito, pelo menos a nível de vendas. Segundo Campos Jr. (2011), naquele mês, a circulação do NP aumentou 10%, se comparado aos meses anteriores.

Figura 5 – Edições de 07/05/1983 e 19/05/1983, as primeiras a abordar o HIV¹⁰



Fonte: FolhaPress

10 Descoberto vírus que mata gays. Notícias Populares. São Paulo, 07/05/1983.
Peste gay ataca crianças. Notícias Populares. São Paulo, 19/05/1975.

Por mais que o vírus fosse uma novidade, as sigas AIDS ou SIDA já eram utilizadas pela medicina, mas, segundo Piacsek (2018), esses termos só apareciam em textos corridos dentro das publicações, nunca nas capas.

Para as manchetes de primeira página, optou-se pela expressão peste-gay, já amplamente usada por outros veículos internacionais de credibilidade, como a France Press, fonte de algumas notícias sobre o tema (PIACSEK, 2018). A primeira aparição do termo aconteceu na capa de 19 de maio de 1983, a segunda daquele ano a abordar o vírus, Figura 5. Dentro do periódico havia até uma breve explicação sobre a origem do nome: “a doença que alguns jornais norte-americanos chamam de ‘Peste Homossexual’ vem se propagando de forma alarmante nos Estados Unidos, sendo mortal na maioria dos casos” (NP, 1983).

Apesar de não tê-lo criado, o NP foi um dos responsáveis por popularizar o termo, pelo menos no Brasil. Para Sontag (2007), uma clara referência à peste negra, colocando a Aids como castigo aos pecadores e seus comportamentos promíscuos, portanto, merecedores.

É evidente que o uso do termo “peste-gay” não é inócuo e traz em si o preconceito e a estigmatização de um grupo social, porém, é importante salientar que essa não foi uma bandeira levantada pelo Notícias Populares. É mais adequado observar que o jornal brasileiro reverbera um sentimento presente em boa parte da imprensa ocidental e da comunidade científica acerca da doença naqueles tempos. (PIACSEK, 2018, p. 151).

Nesse sentido, Piacsek (2018) complementa a autora supracitada, mas afirma que o preconceito empregado no termo está para além do jornal, está também inserido na sociedade em que o vírus surgiu e se propagou.

Figura 6 – As capas do jornal Notícias Populares em 1983 traziam o termo “Peste-Gay” ¹¹



Fonte: FolhaPress

11 Descoberto o remédio para curar Peste-gay. Notícias Populares. São Paulo, 14/07/1983.

O costureiro Marcus Vinícius Resende Gonçalves, o Markito, foi a primeira pessoa pública a ter a Aids como fator relevante para sua *causa mortis*, em 4 de junho de 1983. Àquela altura, alguns brasileiros já haviam falecido pelo mesmo motivo, resultado de um sistema imunológico enfraquecido e colapsado, mas o diagnóstico não podia ser fechado pela ausência de testes confiáveis. Como Markito fez seu tratamento nos Estados Unidos, cuja tecnologia já estava avançada o suficiente para apontar a existência do vírus no sangue, pôde ter seu diagnóstico fechado com segurança, embora a medicina ainda não tivesse medicamentos que controlassem a doença (WESTIN, 2023).

Dois dias após seu falecimento, no dia 6 de junho de 1983, o NP deu a notícia sob a manchete na retranca: “Peste-gay mata costureiro Markito” (Figura 7).

Figura 7 – O falecimento de Markito ganha destaque no NP¹²



Fonte: FolhaPress

Após uma semana da morte de Markito, em 12 de junho de 1983, o NP destaca a circulação e mortalidade do vírus na primeira página com o chapéu “A pior e mais

12 Peste-gay mata costureiro Markito. Notícias Populares. São Paulo, 06/06/1983.

terrível doença do século. Dois brasileiros mortos” (NP, 1983), tendo como manchete de capa: Peste-Gay já apavora São Paulo (Figura 8).

Figura 8 – A disseminação do HIV/Aids ganha destaque no NP¹³



Fonte: FolhaPress

A disseminação do HIV/Aids aconteceu de forma rápida na década de 1980, obrigando que fossem implementadas novas políticas públicas, resultado das mobilizações populares e do empenho dos governos estaduais, que pressionaram o governo federal a se posicionar e a agir. Foi na cidade de São Paulo o primeiro registro de contaminação, tornando o estado líder nas primeiras iniciativas como articulações oficiais e mobilizações de grupos sociais no combate à epidemia de HIV/Aids (GRANGEIRO; SILVA; TEIXEIRA, 2009).

Em novembro de 1983, o aumento de vítimas fatais por conta vírus também ganhou destaque na primeira página do NP. Segundo o Ministério da Saúde (2007) àquela altura já havia relatos de mulheres, crianças e de profissionais da saúde infectados pelo HIV, mas a decisão de relacionar a epidemia aos homossexuais se manteve, como pode ser visto na Figura 9, ao usar as palavras peste-gay e freira em uma manchete de capa no dia 26 de setembro de 1983.

13 Peste-gay já apavora São Paulo. Notícias Populares. São Paulo, 12/06/1983.

Figura 9 – O termo peste-gay é utilizado mesmo após a infecção por outros públicos



Fonte: FolhaPress

Só em março de 1990 o jornal deixou de associar o vírus à população gay, criando um alerta geral aos leitores com a manchete “Aids: ela mata mesmo!” (CAMPOS JR., 2011). Ao total, foram 7 anos em que o termo peste-gay foi utilizado no periódico.

4.2 O HIV NO FIM DOS ANOS 1980

Segundo Piacsek (2018), em termos de quantidade de notícias relacionadas à Aids, o NP foi na contramão dos demais veículos, tendo explorado o fato em 1983, como visto neste trabalho, caindo significativamente em 1984 quando o assunto estava em alta nos concorrentes, mas voltou a abordar o tema no ano posterior.

Em 1985, surge o GAPA¹⁴ (Grupo de Apoio à Prevenção da Aids), organização não-governamental, iniciativa até então inédita na América Latina, com apoio da

14 Com de igrejas, setor privado, comunidade científica e outras organizações não governamentais (ONGs), com a missão de desenvolver com profissionalismo e excelência na promoção à saúde em HIV/AIDS e defesa dos direitos humanos das pessoas com HIV/AIDS e seus familiares, além de conceber e implementar ações possam diminuir o impacto da pandemia HIV/AIDS (CUNHA, 1989)

sociedade e em especial do setor cultural, no âmbito público, foram criados os Programas Estaduais de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e Aids em 10 estados e o Ministério da Saúde iniciou a veiculação de campanhas de prevenção da doença com recomendações como a utilização de preservativos, seringas, agulhas e outros instrumentos esterilizados e individuais, também mudou e implementou severidade no controle da qualidade do sangue e hemoderivados (CUNHA, 1989: VILLARINHO, 2013).

No contexto social e cultural que permeava a época, pode se destacar a conquista das liberdades individuais e dos direitos dos cidadãos socialmente marginalizados, entre eles, os homossexuais que foram fundamentais para a viabilização do ativismo político por movimentos sociais para enfrentar a epidemia de HIV/Aids, incluindo prevenção, atenção à saúde e no enfrentamento à discriminação aos grupos mais vulneráveis à contaminação e os já portadores do vírus (VILLARINHO, 2013).

De 1986 a 1990 o Brasil oferece ações políticas no enfrentamento da epidemia com o Programa Nacional de DST/AIDS¹⁵ (PN-DST/AIDS) que teve alterações, por consequência da nova realidade política do país, quando se instituiu uma abordagem mais burocratizada o que trouxe desagrado às ONGs, que solicitavam respostas mais rápidas e eficazes para o controle da pandemia (VILLARINHO, 2013).

A experiência da saúde na década de 1980, em especial com a epidemia da Aids teve forte influência no ideário da Constituição Federal de 1988, incluindo o conceito de acesso universal à saúde e à hegemonia do movimento sanitário, com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), consolidando o direito, assegurado pelo Estado, a universalidade, equidade, integralidade e controle social que podem trazer a ideia de direitos, cidadania e democracia amplas (MENICUCCI, 2014).

15 Missão: redução da incidência do HIV/AIDS; e, melhoria na qualidade de vida das pessoas infectadas.

Diretrizes: melhoria dos serviços públicos oferecidos às pessoas portadoras do HIV e outras DSTs; de mitigação da transmissão vertical do HIV e da sífilis; de aumento da cobertura do diagnóstico e do tratamento das DSTs e da infecção pelo HIV; ampliação das ações de prevenção em mulheres e populações com maior vulnerabilidade; da redução do estigma e da discriminação; e da melhoria da gestão e da sustentabilidade (VILLARINHO, 2013).

5 HOMOFOBIA

Na antiguidade, as civilizações gregas e romanas não condenavam a prática homossexual, que era vista de forma natural entre todos os seres, sem qualquer juízo de valor. Segundo Junqueira (2007), a primeira menção ao termo homofobia aconteceu na obra *Sociedade e a Saúde Homossexual* (1972), do psicólogo americano George Weinberg, e pode ser entendida como um repúdio ou aversão às pessoas da comunidade LGBTQIAP+.

A palavra é formada pelos termos gregos “homo” (semelhante, igual) e “fobia” (medo, asco), ou seja, uma repugnância às relações formadas por pessoas semelhantes.

[...] O termo costuma ser empregado quase que exclusivamente em referência a conjuntos de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo) em relação a pessoas homossexuais ou assim identificadas. Essas emoções, em alguns casos, seriam a tradução do receio (inconsciente e “doentio”) de a própria pessoa homofóbica ser homossexual (ou de que os outros pensem que ela seja) (JUNQUEIRA, 2007, p. 4).

Jesus (2015) classifica a homofobia em pelo menos seis grandes categorias: preconceito contra homossexuais; Violação física, psicológica ou simbólica dos direitos das pessoas LGBTQs; Desvalorização da diversidade sexual; Violência não reconhecida pelos algozes; Desqualificação das diferenças e Inação das autoridades e é a partir dessas categorias que este estudo se baseia.

A manifestação da homofobia é expressa de maneiras distintas, podendo ser uma simples piada, passando por insultos graves, podendo alcançar um patamar mais extremo como agressões físicas e até mesmo a morte. Os agressores, ou seja, os homofóbicos, usam como argumento a imposição de sua heterossexualidade, considerada por eles superior às das demais pessoas (FAÇANHA, SILVA, MEIRA E CASTRO, 2021).

Para Quintão e Carvalho (2012), as religiões cristãs foram importantes propagadoras dessa intolerância contra os homossexuais ao longo dos anos ao considerarem qualquer manifestação de afeto, nesse sentido, como ato pecaminoso e diabólico.

Em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retirou a homossexualidade de seu Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais,

mas, apenas em 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) a excluiu do Código Internacional de Doenças (CID).

No Brasil, os Conselhos Federais de Medicina, desde 1985, e de Psicologia, apenas em 1999, não consideram a homossexualidade como doença, distúrbio ou perversão. (WELLE, 2020)

De acordo com Junqueira (2007), essa diferença de posicionamentos por parte da comunidade médica e clínica também reforçou o preconceito contra a população LGBT, que, para além dos juízos morais, era classificada como mentalmente doente. Em busca de uma possível cura ou erradicação, essa mesma comunidade enfrentou “[...] inúmeras mortes, amputações, castrações, multas, e ainda, diversas torturas psicológicas e físicas ao ponto de ser submetida à tratamentos que incluíam métodos de tortura” (FAÇANHA, SILVA, MEIRA E CASTRO, 2021, p. 390).

Desde 2019, a homofobia é crime no Brasil, e, apesar de ser imprescritível e inafiançável, os números dessa violência têm crescido no país.

Segundo o Anuário de Segurança Pública, divulgado Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP (2023), as ocorrências de homofobia ou transfobia subiram 54% em 2021, com 316 ocorrências, se comparado à 2022, com 488 registros.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Feita a pesquisa bibliográfica, na qual buscou-se informações sobre o tema tratado, foi levantada a pesquisa quantitativa aplicada à Análise de Conteúdo com o objetivo de saber qual o número total de notícias publicadas no ano de 1983 tratava do assunto HIV/Aids na capa do jornal Notícias Populares, como mostrado no capítulo 2, Metodologia, e de que forma elas foram distribuídas ao longo daquele ano, reproduzidos na Tabela 1.

Quadro 6 – Quantidade de publicações sobre HIV/AIDS no NP ao longo de 1983

Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	T
Nº de publicações	0	0	0	0	3	11	5	2	9	2	1	1	34

Fonte: o autor (2023)

Seguindo a Análise de Conteúdo, os objetos foram estudados tendo como base as teorias sobre as características da notícia sensacionalista elencadas por Amaral (2006).

A partir da unitarização, explicada no capítulo 2, o *corpus* da análise foi reduzido de 34 para 21 capas, uma vez que foram escolhidas apenas as edições cujos formatos, de acordo com o projeto gráfico do jornal Notícias Populares, davam maior destaque ao tema desta monografia: manchete de capa e retranca. A saber: formatos complementares (chapéus e gravatas) serão incluídos em suas manchetes correspondentes por fazerem parte de um contexto, não podendo dissociá-los.

6.1 SENSACIONALISMO

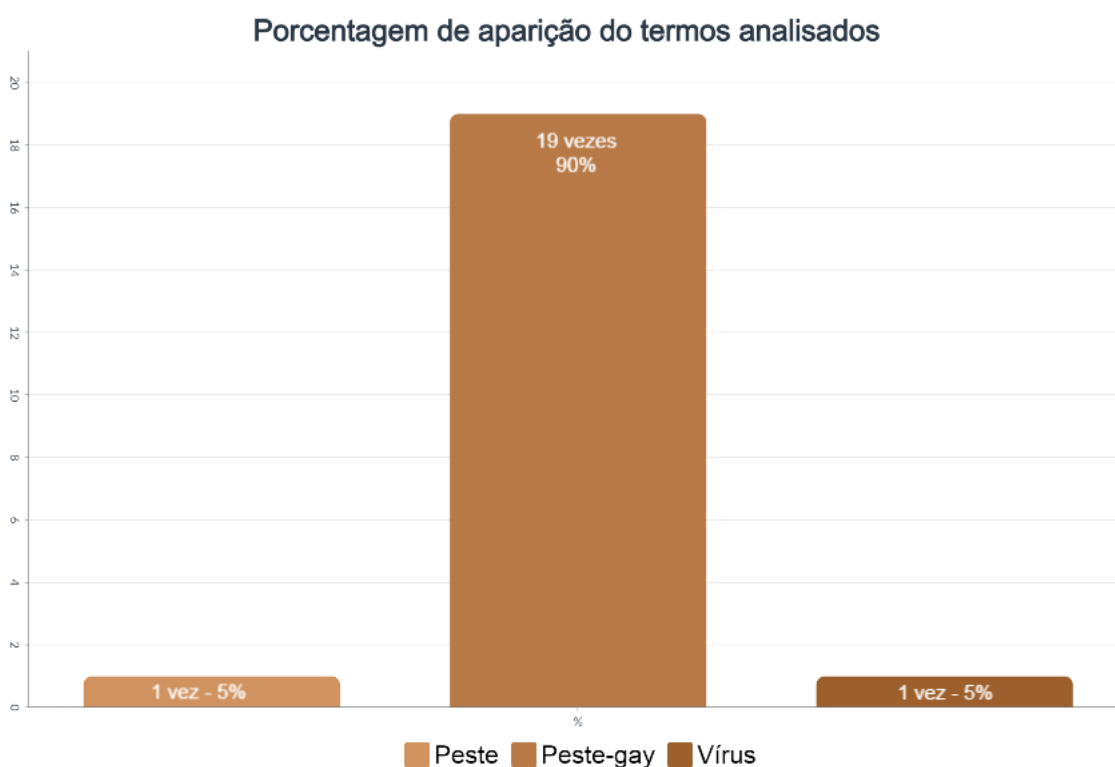
Depois do passo descrito acima, pôde-se fazer a Análise de Conteúdo para verificar de que forma o assunto foi abordado, quais as palavras escolhidas para a composição de títulos, termos homofóbicos usados e as características sensacionalistas das notícias, buscando uma resposta ao problema de pesquisa.

Das 21 capas, apenas na primeira, do dia 07/05/1983, foi usada corretamente a palavra vírus (5%) para se referir ao HIV, como mostra o Gráfico 1. Todas as demais

trouxeram o termo Peste em seus títulos, seja como palavra isolada (5%) ou como palavra composta (90%) ao criar expressão Peste-gay (ou Peste Gay, sem hífen).

É interessante notar, porém, que o termo gay, como palavra composta ou não, se fez presente em 100% do material analisado, nos indicando que houve, sim, uma escolha editorial a fim de associar a disseminação do vírus ao público LGBT, mesmo quando as próprias notícias davam conta de que outros públicos haviam contraído o vírus, como mulheres, crianças e hemofílicos.

Gráfico 1 – Porcentagem de aparição dos principais termos relacionados ao HIV



Partindo disso, todas as manchetes foram submetidas a uma análise seguindo os critérios de sensacionalismo de Amaral (2006). Cada uma das 21 notícias poderia se encaixar em mais de uma categoria, sendo considerada, por este motivo, mais ou menos sensacionalista, como o exemplo do Quadro 7.

Quadro 7 – Exemplo de aplicação da análise de critérios de sensacionalismo

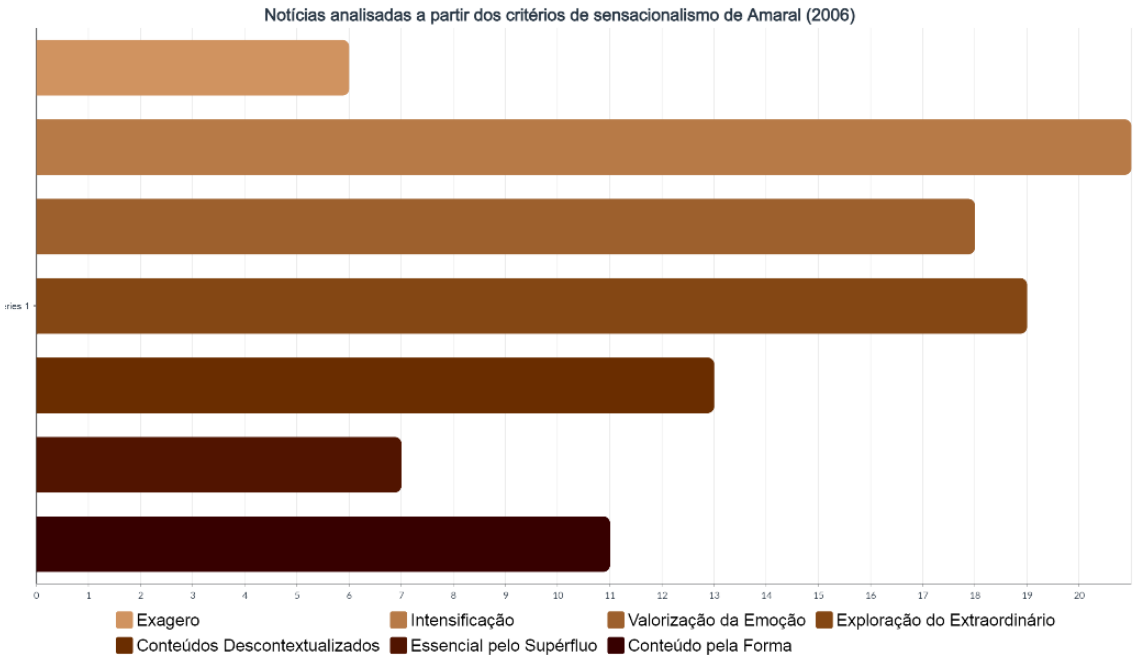
Notícia	Características da notícia sensacionalista (AMARAL, 2006)	SIM
“Peste-gay já apavora São Paulo”	Exagero	X
	Intensificação	X
	Valorização da emoção	X
	Exploração do extraordinário	X
	Valorização de conteúdos descontextualizados	X
	Troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco	
	Inversão do conteúdo pela forma	X

Fonte: o autor (2023)

A expressão Peste-gay por si só pode ser entendida como sensacionalista, uma vez que, como já explicado neste trabalho, existiam opções melhores para substituí-la, como vírus, já usado pelo jornal, ou mesmo as siglas Aids ou Sida.

Com a ajuda do Gráfico 2, visualizamos as características sensacionalistas que mais aparecem no NP. Do total, todas as 21 manchetes de capa apresentam pelo menos um dos sete critérios, ou seja, 100% do recorte. A relação de matérias analisadas e seus critérios podem ser vistos no Apêndice B, ao final deste trabalho.

Gráfico 2 – Relação de notícias analisadas seguindo os critérios de sensacionalismo



De todos os critérios, a Intensificação, que pode ser entendida como uma forma de reforçar os traços considerados mais polêmicos a fim de deixar as notícias mais pesadas, se destaca por estar em todas as 21 capas analisadas (100%). Um exemplo disso aparece em “Peste Gay ataca crianças”¹⁶ em que o verbo atacar foi usado como sinônimo de acometer, contrair, para causar maior impacto na audiência. Além disso, por ser um vírus disseminado principalmente através do sexo, relacionar a enfermidade a crianças gera conotações errôneas para quem lê.

O critério Exploração do Extraordinário, que parte de um acontecimento inédito para chocar os leitores, apareceu 19 vezes (90%) nas 21 capas. Muito frequente nas notícias sobre o avanço do número de infectados e quando abordava os avanços da medicina relacionados ao vírus, como em “Peste-gay já fez 9 mortes em SP”¹⁷ ou “Peste-gay já tem 3 mil vítimas”¹⁸ e “Descoberto vírus que mata gays”¹⁹.

Em 18 (86%) manchetes foram encontradas características de “Valorização da Emoção”, que usa do sentimentalismo do leitor para causar impacto. Isso pode ser encontrado em “Peste-gay mata costureiro Markito”²⁰, uma vez que se tratava de uma pessoa pública, gerando uma possível comoção e em “Peste mata primeiro gay em SP. Cabeleireiro perdeu 20 quilos em uma semana / Médicos Alarmados” em que as características físicas da vítima foram usadas para chocar quem lia a edição.

O recurso de explorar Conteúdos descontextualizados figurou em 13 (61%) publicações. Neste caso, as manchetes são dúbias ao ponto de não se explicarem por si só, fazendo com que o leitor seja obrigado a comprar o jornal para ter mais informações. Isso fica claro em “Peste-gay mata até uma freira”²¹. Noticiar que uma religiosa havia sido diagnosticada por um vírus sexualmente transmissível gera margem para especulações. Sendo, portanto, mais uma estratégia de vendagem do que a relevância da informação em si. Além disso, de tão absurdo, o título foi usado como manchete de capa, tornando-se o principal atrativo daquela edição.

Outra capa pertinente de análise é a do dia 17/10/1983, que creditava ao continente africano a responsabilidade pela origem do vírus (Figura 10), eximindo a população branca de qualquer culpa. Ou seja, novamente é dado ao HIV

16 Peste Gay ataca crianças. Notícias Populares, São Paulo, 19/05/1983.

17 Peste-gay já fez 9 mortes em SP. Notícias Populares, São Paulo, 29/09/1983.

18 Peste-gay já tem 3 mil vítimas. Notícias Populares, São Paulo, 29/11/1983.

19 Descoberto vírus que mata gays. Notícias Populares, São Paulo, 17/05/1983.

20 Peste-gay mata costureiro Markito. Notícias Populares, São Paulo, 06/06/1983.

21 Peste-gay mata até uma freira. Notícias Populares, São Paulo, 26/09/1983.

características marginais, distanciando-o do cidadão brasileiro que, novamente, se sente blindado de contrair o vírus e não como parte de um problema maior.

Figura 10 – NP responsabiliza o continente africano pela disseminação do vírus²²



Fonte: FolhaPress

Na sequência, com 11 aparições (52%), a característica Inversão do Conteúdo pela Forma, que consiste em substituir o essencial por aquilo que melhor performa, principalmente a nível de vendas. Nesse caso, ““Baygon” para curar Peste-gay”²³, serve como exemplo. O remédio nunca foi associado à cura ou tratamento do HIV e o conteúdo interno dizia que o inseticida foi testado para tratar uma doença “com sintomas parecidos” aos da Aids, sendo, portanto, uma completa inverdade.

Substituir o conteúdo Essencial pelo Supérfluo acontece quando um pequeno detalhe se torna mais importante do que a notícia principal, essa característica apareceu em 7 capas (33%). A manchete “Até funerárias com medo da Peste-Gay”²⁴ pode ser enquadrada neste quesito. A notícia em questão abordava o fato de que uma associação nos EUA cobrava das autoridades sanitárias do país mais informações a respeito do vírus e seu contágio. O próprio texto dava conta de que o “simples contato” não era motivo de preocupações.

Por fim, a característica Exagero esteve presente em 6 títulos (29%) do total analisado. Ela é facilmente identificável por trazer adjetivos e substantivos fortes o bastante para chocar o leitor e captar a atenção. A capa “É a pior e mais terrível

²² Peste-gay vem da África. Notícias Populares, São Paulo, 29/11/1983.

²³ Baygon para curar a Peste-gay. Notícias Populares, São Paulo, 24/06/1983.

²⁴ Até funerárias com medo da Peste-Gay, São Paulo, 20/06/1983.

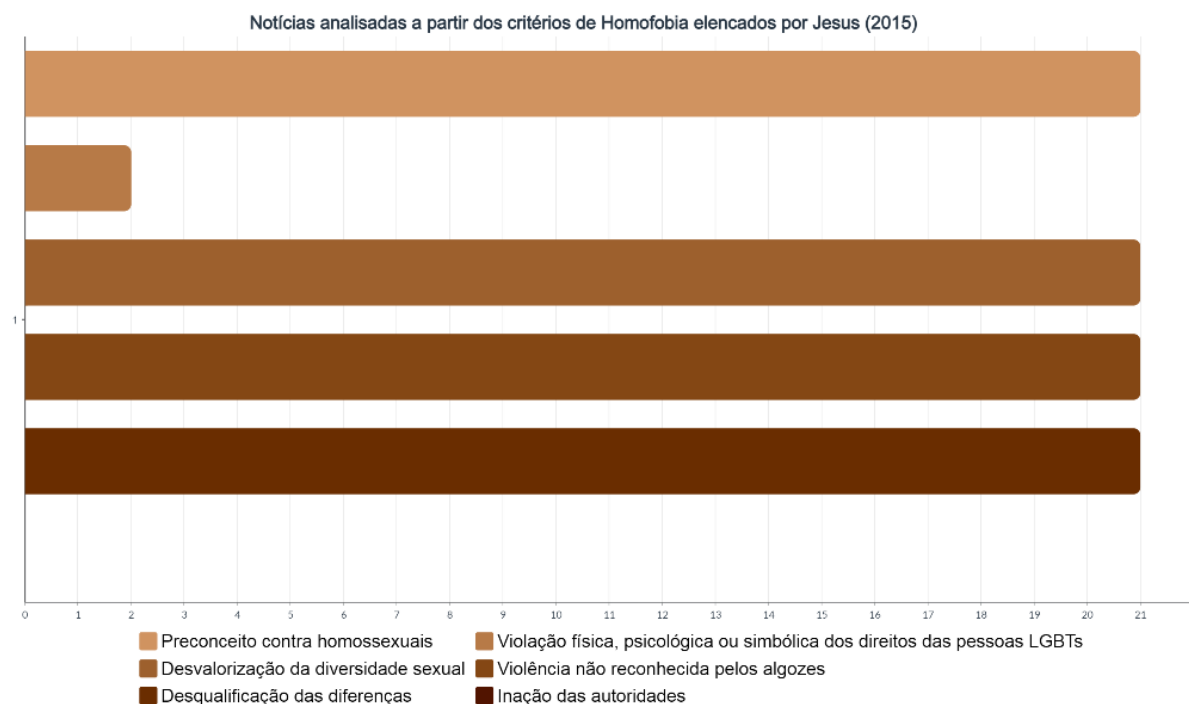
doença do século. Dois brasileiros mortos. Peste-gay já apavora São Paulo”²⁵ reforça o medo e gera terror e pânico na audiência sendo que a informação principal era o fato de a cidade de São Paulo ter registrado o primeiro caso de HIV.

6.1 HOMOFOBIA

Para analisar as características homofóbicas, ou não, praticadas pelo jornal Notícias Populares, as manchetes foram submetidas à análise de acordo com os critérios elencados por Jesus (2015). A tabela com o resultado pode ser vista no Apêndice C.

É importante ressaltar que o termo Peste-gay, que aparece em 90% dos títulos, por si só já carrega quatro dos seis quesitos analisados: Preconceito contra homossexuais, Desvalorização da diversidade sexual, Violência não reconhecida pelos algozes e Desqualificação das diferenças. O Gráfico 3 representa as demais comparações feitas e analisadas.

Gráfico 3 – Relação de notícias analisadas seguindo os critérios de homofobia



²⁵ É a pior e mais terrível doença do século. Dois brasileiros mortos. Peste-gay já apavora São Paulo. Notícias Populares, São Paulo, 12/06/1983.

Das 21 capas estudadas, 100% delas trazem termos pejorativos às pessoas LGBTQIAP+ em maior ou menor grau, como no caso extremo de “Pacto de morte no Edifício Copan: Homossexuais se matam com medo da Peste-gay”.

Por ser a comunidade gay a principal vítima do vírus, não há tom de consternação ou empatia pelo suicídio de duas pessoas amedrontadas com os resultados de seus exames, ao contrário, seus rostos, nomes e profissões foram expostos em primeira página, sem a intencionalidade de luto. A legenda das imagens reforça o temor gerado pelo HIV, sem se solidarizar com as famílias: “O desembargador Jorge José Castelli e o detetive particular José Freitas Osório (foto acima) se suicidaram num dos apartamentos do prédio, tomados de pânico decorrente da terrível doença” (NP, 1983).

Além disso a expressão pacto de morte, no chapéu, traz consigo uma nova camada de preconceito, uma associação demoníaca, que pode ser visto na Figura 11.

Figura 11 – Capa que apresenta 5 dos 6 indicadores de homofobia²⁶



Fonte: FolhaPress

Já a característica Violação física, psicológica ou simbólica dos direitos das pessoas LGBTs foi constatada em duas edições. Nas manchetes: “Até funerárias com medo da Peste-gay”²⁷ e “Sangue da Peste-gay mata 2 crianças”²⁸, porque fomentam a discriminação e a desinformação quanto à forma de contágio, gerando, como

26 Homossexuais se matam com medo da Peste-gay. Notícias Populares, São Paulo, 08/07/1983.

27 Até funerárias com medo da Peste-gay. Notícias Populares, São Paulo, 20/06/1983.

28 Sangue da Peste-gay mata 2 crianças. Notícias Populares, São Paulo, 02/09/1983.

consequência, privações de velórios e enterros dignos às vítimas e alimentando o mito de que o simples contato com sangue na pele intacta possa ser passível de infecção.

Apenas a característica Inação das Autoridades não se enquadrava em nenhuma manchete analisada e isso se deve, claro, por se tratar de uma consequência após um primeiro ato de homofobia cometido. Mas, uma vez que termo Peste-gay é, sim, homofóbico, e foi explorado pelo NP até 1990, isso significa que o editorial do jornal, a sociedade e os órgãos competentes não se importavam com seu uso preconceituoso, caracterizando assim, a presença dessa inação relatada por Jesus (2015).

Outra análise pertinente, que se refere ao tema HIV/Aids, é quanto o uso da palavra vítima nas manchetes de capa, cujo significado, segundo o Priberam (2023), é: “Pessoa que morre ou que sofre pela tirania ou injustiça de alguém”. Ou seja, ser vítima pode ser entendido como não ter culpa por algo que lhe acontece. O termo aparece uma única vez na capa do NP para se referir ao número de infectados, em 29/11/1983, ao menos no recorte deste trabalho. Na ocasião, eram 3 mil pessoas, exemplificado na Figura 12.

Figura 12 – Capas com a contagem do número de vítimas ²⁹



Fonte: FolhasPress

29 Peste-gay mata aeronauta em São Paulo. Notícias Populares, São Paulo, 14/06/1983.
 Mais 9 morrem com a Peste-gay. Notícias Populares, São Paulo, 21/09/1983.
 Peste-gay já tem 3 mil vítimas. Notícias Populares, São Paulo, 29/11/1983.

É interessante perceber que apenas quando outros públicos, além da comunidade LGBT, passam a ser diagnosticados com o HIV e têm a Aids como fator relevante para a *causa mortis*, que o jornal começa a se referir aos acometidos em suas manchetes de capa como vítimas.

Até então, os números eram relatados como um índice exclusivo para a contagem de homossexuais masculinos mortos pela peste. Isso reforça a teoria de Sontag (2007) que diz que os primeiros infectados eram classificados como culpados pela própria doença, merecedores de um castigo divino e, portanto, não-vítimas. Nos indicando que, sim, houve uma escolha editorial que demorou a entender que todos, sem exceção, eram vítimas do HIV.

Obviamente que o termo em questão pode ter sido usado anteriormente nas páginas internas do jornal, que se aprofundavam mais nos assuntos e esclareciam o que as capas por vezes deturpavam, mas abordar os primeiros infectados como vítimas talvez não surtisse o mesmo efeito.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante analisar os caminhos tomados pelo jornalismo no passado a fim de minimizar erros ainda hoje cometidos, e isso só será possível se entendermos e encaramos essas falhas de frente.

Numa sociedade consumista em que até a notícia é produto e disputa a atenção do leitor, o sensacionalismo se torna uma estratégia fácil para aqueles que querem capitalizar atenções e manter vivos seus negócios.

A homofobia, hoje ainda que crime, durante muito tempo encontrou aliados no jornalismo profissional ao reforçar estereótipos, usar termos pejorativos com trocadilhos e minimizar as dores de uma comunidade que busca por respeito e igualdade diariamente.

A pesquisa deste trabalho partiu da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977) que busca categorizar o *corpus* de acordo com suas semelhanças, neste caso, manchetes de capa e retrancas localizadas na parte superior do jornal Notícias Populares. As teorias de Amaral (2006), Jesus (2015) e Sontag (2007) contribuíram para que a essa investigação dos significados e dos significantes fosse para além do que foi dito pelo jornal Notícias Populares, ao encontrar elementos, nem sempre tão evidentes, nocivos a população gay.

Buscou-se compreender quais características das manchetes do NP sobre a epidemia de HIV/Aids no Brasil reforçaram a discriminação da população LGBTQIAP+. Para isto foram levantadas as seguintes hipóteses: (i) O jornal culpabilizou a população gay pela chegada da epidemia no Brasil; (ii) Os títulos eram carregados de expressões preconceituosas; (iii) A técnica sensacionalista foi usada para propagar a homofobia.

Uma vez realizada a análise, pôde-se perceber que houve uma escolha editorial para rotular o vírus nas manchetes de capa como Peste-gay mesmo quando outros termos já eram difundidos pela comunidade e isso se mostrou como um grande desserviço à toda sociedade, porque culpabilizava e estereotipava uma classe que, na verdade, era a principal vítima.

Apesar do aumento do número de infectados ao longo de 1983, não foram encontrados títulos cujo foco fosse a prevenção, uma vez que a população em geral, muito apegada à associação equivocada difundida pela mídia, se sentia blindada por

acreditar-se tratar de um castigo para os homossexuais, contribuindo com sua proliferação.

Aliás, o termo vítima aparece pela primeira vez na capa apenas seis meses depois da primeira notícia sobre o tema, quando outros públicos, entre eles mulheres e crianças, passaram a também ser diagnosticados com HIV.

As capas que abordaram algumas mortes em decorrência das complicações da Aids eram pensadas apenas para amedrontar, chocar e contabilizar número, não havendo luto, indignação ou consternação.

Outras manchetes, além de sensacionalistas, se mostraram deturpadas ou mentirosas, sobretudo às que se referiam a uma possível cura da doença.

O jornal Notícias Populares, apesar de se valer de fontes altamente confiáveis internacionalmente, como a France Press, praticou homofobia e sensacionalismo em todas as manchetes de capa do ano de 1983 que abordaram a chegada do HIV/Aids no Brasil, tendo as três hipóteses levantadas neste trabalho como verdadeiras.

Assim, é possível afirmar que o jornal contribuiu para o cenário que ainda hoje vivemos de marginalizar o HIV e a Aids à população LGBTQIAP+.

Dos objetivos iniciais para este projeto, todos foram claramente atendidos e contribuíram para responder o problema de pesquisa, uma vez que foi possível entender de que forma o Notícias Populares abordou em suas manchetes a chegada da epidemia de HIV/Aids no Brasil e suas principais características; sendo isso possível apenas depois de se analisar as retrancas de capa do jornal com maior apelo, analisar quais elementos textuais contribuíram para um discurso homofóbico e nocivo à população gay e verificar a presença de elementos sensacionalistas nas manchetes sobre o a chegada no vírus, sua disseminação e tratamento da Aids.

A pesquisa espera ter contribuído para o entendimento da Análise de Conteúdo e com os estudos sobre homofobia, jornalismo popular e os limites e riscos do sensacionalismo.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Marcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue. Um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.
- BARATA, Germana Fernandes. A primeira década da AIDS no Brasil: o Fantástico apresenta a doença ao público (1983 a 1992). 2006. 196 p. **Dissertação** (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-07072006-124258/publico/Dissertacao-GermanaBarata.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- BARBOSA, Marinalva. Jornalismo Popular no Brasil: uma história. **Revista Portuguesa de História da Comunicação**, Braga, Portugal, vol. 3, dez. 2018. 13 p. Disponível em: <https://revistahc.sopcom.pt/ficheiros/20190104-jornalismo_popular_no_brasil_uma_hist_ria.pdf>. Acesso em: 15/08/2023.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 1977
- BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Tradução: Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. Disponível em: <<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/becker-howard-s-outsiders-estudos-de-sociologia-do-desvio.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2023
- BRASIL, Bruno. **A Manhã (Rio De Janeiro, 1925)**. Rio de Janeiro, 28 jul. 2014. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-manha/>>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- BRASIL, Bruno. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 05 mar. 2015. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil/>>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- CAMPOS JR, C., MOREIRA, D., LEPIANI, G. & LIMA, M.R. **Nada mais que a verdade: a extraordinária história do jornal Notícias Populares**. São Paulo: Summus Editorial, 2011.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. Editora Ática, São Paulo, 2004.
- CULLEN, Trevor. HIV/AIDS: 20 years of press coverage. **Australian Studies in Journalism**. 12, p. 64-82, 2003.
- CUNHA, Andrea. GAPA: a luta por uma vida melhor para os aidéticos. O Globo, Rio de Janeiro, 11 jul. 1989. **Caderno Jornais de bairro**, p. 24. Disponível em: <https://duyt0k3aayxim.cloudfront.net/PDFs_XMLs_artigos/o_globo/1989/07/11/04-Tijuca/ge110789024TIJ1-0002_g.jpg>. Acesso em: 06 jul. 2023.
- DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: ABIA, 2018.
- DESCONTEXTUALIZAR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/descontextualizar/>>. Acesso em: 05/11/2023.
- EXAGERO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/exagero/>>. Acesso em: 05/11/2023.
- EXTRAORDINÁRIO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/extraordinario/>>. Acesso em: 05/11/2023.

FAUSTO NETO, Antonio. **Comunicação & Mídia Impressa**: Estudo sobre a AIDS. Editora Hackers, 1999.

FAÇANHA, Camille; SILVA, Elizabete Gonçalves da; MEIRA, Janderson da Costa; CASTRO, Ewerton Helder Bentes de. Pessoas LGBTQUIA+ Preconceito e Superação: Movimento para Além da Dor e do Sofrimento Sob o Viés da Fenomenologia. **Revista EDUCAmazônia** - Educação Sociedade e Meio Ambiente. 25 páginas. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/9125/6563>> Acesso em: 05 de out. 2023

FERREIRA, Cláudio Vital de Lima. AIDS e a exclusão social: um estudo clínico com pacientes com HIV. São Paulo: Lemos, 2003.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 17/11/2023

FSP. **Jornal “Notícias Populares” pára de circular**. 19 de janeiro de 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u14022.shtml>>. Acesso em 15 jul. 2023

GALVÃO, Jane. AIDS no Brasil: a agenda de construção de uma epidemia. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988. Disponível em: <https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma_notassobrema_nipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023

GRANGEIRO Alexandre; SILVA Lindinalva Laurindo da; TEIXEIRA Paulo Roberto. Resposta à aids no Brasil: contribuições dos movimentos sociais e da reforma sanitária. **Revista Panamericana de Salud Pública**, São Paulo, v. 26, n.1, p. 87–94, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/rpsp/v26n1/13.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2023.

GREEN, James N & QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

HANSEN, João Henrique. **Como entender a saúde na comunicação?** Paulus, São Paulo, 2004.

INTENSIFICAÇÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/intensificacao/>>. Acesso em: 05/11/2023.

INVERSÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/inversao/>>. Acesso em: 05/11/2023.

JESUS, Jaqueline Gomes. Homofobia: identificar e prevenir. 2ªed. Metanoia Editora. 2015.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas**. Revista Bagoas, Rio Grande do Norte, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256/1689>> Acesso em 05 out. 2023.

KÖNIG, Mauri. **Processo de Produção Jornalística**. 1ª ed. IntereSaberes, 2018

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3ª ed. - Ufsc-Insular, 2001

LONGHI, Naiara. **Sensacionalismo e Jornalismo Popular: um estudo de caso**. 13 p. Artigo (Graduada em Comunicação Social) – Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/51188428097278301015316341937608132453.pdf>>. Acesso em: 19/08/2023.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da Notícia: o jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo: Ática, 1985.

MENICUCCI, Telma Maria Gonçalves. História da reforma sanitária brasileira e do Sistema Único de Saúde: mudanças, continuidades e a agenda atual. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 21, n.1, p.77-92, jan./mar. 2014. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v21n1/0104-5970-hcsm-21-1-00077.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2023.

MOLINA, Matías M. **Campeão da virulência**. Observatório da Imprensa, 04/10/2011. Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/campeao-da-virulencia/>> Acesso em: 22 ago. 2023.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PAIZ, O. Processos do Jornalismo. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 26 jun.1914.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A Produção do Discurso de Informação num Jornal Sensacionalista**. Rio de Janeiro, UFRJ/ Escola de Comunicação, 1983.

PIACSEK, Eduardo Guilherme. A morte assusta o sensacionalismo: O jornal Notícias Populares encara o fantasma do surgimento da AIDS (1982-1984), **Revista Pluri**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 147-160, jul./dez. 2018.

QUINTÃO, F.F; CARVALHO, M.S. da. **Homofobia: análise histórica do fenômeno homossexual e sua possível criminalização**. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/32379/homofobia-analise-historica-do-fenomenohomossexual-e-sua-possivel-criminalizacao>>. Acesso em 5 out. de 2023

SONTAG, Suzan. **Doença Como Metáfora / Aids e Suas Metáforas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SUPÉRFLUO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/superfluo/>>. Acesso em: 05/11/2023.

VALORIZAÇÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/valorizacao/>>. Acesso em: 05/11/2023.

VILLARINHO, Mariana Vieira. *et al*. Políticas públicas de saúde face à epidemia da AIDS e a assistência às pessoas com a doença. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, p. 271-277, mar. /abr. 2013. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000200018>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

WESTIN. Arquivo S. Aids chegou ao Brasil há 40 anos e trouxe terror, preconceito e desinformação. **Agência Senado**, Brasília, vol. 1, n. 101, 02/06/2023. Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/aids-chegou-ao-brasil-ha-40-anos-e-trouxe-terror-preconceito-e-desinformacao>>. Acesso em: 17/11/2023.

WELLE, Deutsche. Diversidade. Há 30 anos, OMS retirava homossexualidade da lista de doenças. **Carta Capital**, São Paulo, 17/05/2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/ha-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doencas/>>. Acesso em: 17/11/2023.

APÊNDICE

Apêndice A – Tabela com relação de capas analisadas

Nº	Título da manchete	Formato	Data
1	Descoberto vírus que mata gays	Retranca	07/05/1983
2	Peste gay ataca crianças	Retranca	19/05/1983
3	Peste-gay mata costureiro Markito	Retranca	06/06/1983
4	É a pior e mais terrível doença do século. Dois brasileiros mortos.	Chapéu	12/06/1983
	Peste-gay já apavora São Paulo	Manchete de capa	12/06/1983
5	Peste-gay mata aeronauta em São Paulo	Retranca	14/06/1983
6	Até funerárias com medo da Peste-gay	Retranca	20/06/1983
7	“Baygon” para curar Peste-gay	Retranca	24/06/1983
8	Pronto-socorro contra Peste-gay em SP	Retranca	30/06/1983
9	Cabeleireiro perdeu 20 quilos em uma semana / Médicos Alarmados	Chapéu	06/07/1983
	Peste mata primeiro gay em SP	Manchete de capa	06/07/1983
10	Pacto de morte no Edifício Copan:	Chapéu	08/07/1983
	Homossexuais se matam com medo da Peste-gay	Manchete de capa	08/07/1983
11	Descoberto o remédio para curar Peste-gay	Manchete de capa	14/07/1983
	Cientistas americanos anunciam o antivírus	Gravata	14/07/1983
12	Novo remédio cura a peste-gay	Retranca	25/08/1983
13	Peste-gay mata mais dois	Retranca	01/09/1983
14	Sangue da Peste-gay mata 2 crianças	Retranca	02/09/1983
15	Combate à Peste-gay começa amanhã	Retranca	04/09/1983
16	Mais um brasileiro morre com Peste-gay	Retranca	16/09/1983
17	Mais 9 morrem com a Peste-gay	Retranca	21/09/1983
18	Peste-gay mata até uma freira	Manchete de capa	26/09/1983
19	Peste-gay já fez 9 mortes em SP	Retranca	29/09/1983
20	Peste-gay vem da África	Retranca	17/10/1983

21	Peste-gay já tem 3 mil vítimas	Retranca	29/11/1983
----	--------------------------------	----------	------------

Fonte: FolhaPress / Quadro montado pelo autor (2023)

Apêndice B – Tabela com notícias analisadas e critérios de sensacionalismo

N ^o	Título	Exage ro	Intensifica ção	Emoç ão	Extraordin ário	Descontextuali zação	Supérfl uo	For ma
1	Descobert o vírus que mata gays		X	X	X			
2	Peste gay ataca crianças	X	X	X	X	X	X	X
3	Peste-gay mata costureiro Markito		X	X	X			
4	É a pior e mais terrível doença do século. Dois brasileiros mortos. Peste-gay já apavora São Paulo	X	X	X	X	X		X
5	Peste-gay mata aeronauta em São Paulo		X		X		X	
6	Até funerárias com medo da Peste- gay		X	X	X	X	X	X
7	“Baygon” para curar Peste-gay	X	X	X	X	X	X	X

8	Pronto-socorro contra Peste-gay em SP		X					
9	Cabeleireiro perdeu 20 quilos em uma semana / Médicos Alarmados Peste mata primeiro gay em SP	X	X	X	X		X	X
10	Pacto de morte no Edifício Copan: Homossexuais se matam com medo da Peste-gay	X	X	X	X	X	X	X
11	Descoberto o remédio para curar Peste-gay Cientistas americanos anunciam o antivírus		X	X	X	X		X
12	Novo remédio cura a peste-gay		X	X	X	X		X
13	Peste-gay mata mais dois		X	X	X	X		
14	Sangue da Peste-gay mata 2 crianças		X	X	X	X		X

15	Combate à Peste-gay começa amanhã		X					
16	Mais um brasileiro morre com Peste-gay		X	X	X			
17	Mais 9 morrem com a Peste-gay		X	X	X	X		
18	Peste-gay mata até uma freira	X	X	X	X	X	X	X
19	Peste-gay já fez 9 mortes em SP		X	X	X			
20	Peste-gay vem da África		X	X	X	X		X
21	Peste-gay já tem 3 mil vítimas		X	X	X	X		
	TOTAL	6	21	18	19	13	7	11

Apêndice C – Tabela com notícias analisadas e critérios de sensacionalismo

Nº	Título	Preconceito contra homossexuais	Violação dos direitos das pessoas LGBTs	Desvalorização da diversidade sexual	Violência não reconhecida pelos algozes	Desqualificação das diferenças	Inação das autoridades
1	Descoberto vírus que mata gays	X		X	X	X	
2	Peste gay ataca crianças	X		X	X	X	

3	Peste-gay mata costureiro Markito	X		X	X	X	
4	É a pior e mais terrível doença do século. Dois brasileiros mortos. Peste-gay já apavora São Paulo	X		X	X	X	
5	Peste-gay mata aeronauta em São Paulo	X		X	X	X	
6	Até funerárias com medo da Peste-gay	X	X	X	X	X	
7	"Baygon" para curar Peste-gay	X		X	X	X	
8	Pronto-socorro contra Peste-gay em SP	X		X	X	X	
9	Cabeleireiro perdeu 20 quilos em uma semana / Médicos Alarmados Peste mata primeiro gay em SP	X		X	X	X	
10	Pacto de morte no Edifício Copan:	X		X	X	X	

	Homossexuais se matam com medo da Peste-gay						
1 1	Descoberto o remédio para curar Peste-gay Cientistas americanos anunciam o antivírus	X		X	X	X	
1 2	Novo remédio cura a peste-gay	X		X	X	X	
1 3	Peste-gay mata mais dois	X		X	X	X	
1 4	Sangue da Peste-gay mata 2 crianças	X	X	X	X	X	
1 5	Combate à Peste-gay começa amanhã	X		X	X	X	
1 6	Mais um brasileiro morre com Peste-gay	X		X	X	X	
1 7	Mais 9 morrem com a Peste-gay	X		X	X	X	
1 8	Peste-gay mata até uma freira	X		X	X	X	
1 9	Peste-gay já fez 9 mortes em SP	X		X	X	X	
2 0	Peste-gay vem da África	X		X	X	X	

2 1	Peste-gay já tem 3 mil vítimas	X		X	X	X	
	TOTAL	21	2	21	21	21	0